

Haroldo Hollanda**Novo lance divide Sarney e Ulysses**

Quando o PFL, PTB e PDS pretenderam ontem, através de uma questão de ordem, obstruir a votação do projeto de regimento da Constituinte, o deputado Ulysses Guimarães, que se encontrava na presidência dos trabalhos, deu decisão em contrário, ao mesmo tempo que comentava ironicamente: "A exemplo, de Nereu Ramos, declaro que a minoria discute e a maioria decide". Tratava-se de mais um lance que entre si travam, de um lado, o deputado Ulysses Guimarães e do outro o presidente Sarney, tendo como pivô o dispositivo da Constituinte que permite a ela, segundo interpretação dominante no Palácio do Planalto, reduzir a duração do mandato do presidente Sarney.

Nas últimas 24 horas o PFL, mais identificado com a posição do Palácio do Planalto, tentou impedir a aprovação do regimento interno da Constituinte, nos termos em que foi concebido pelo PMDB. Ao almoçar com o senador Fernando Henrique Cardoso, relator do projeto da Constituinte, o deputado Ulysses Guimarães manifestou a opinião de que a polémica toda levantada pela Frente Liberal em torno de alguns dispositivos daquele documento representava apenas um jogo de palavras. O senador Fernando Henrique Cardoso acha que a Frente Liberal, com habilidade, disseminou dentro do Planalto, versão que não corresponderia à verdade, de que o artigo 57, parágrafo sétimo do Regimento da Constituinte, seria a porta pela qual se permitiria alterar a duração do mandato do presidente Sarney.

O deputado Francisco Pinto, da esquerda do PMDB, numa conversa informal com jornalistas, defendeu a manutenção do artigo 57, parágrafo sétimo do regimento, sob a alegação de que não era "possível ao PMDB dar uma carta branca ao presidente da República". Melhor precisando seu pensamento, acrescentou: "Afinal de contas, a Constituinte precisa dispor de algum tipo de arma para acioná-la se o presidente Sarney não estiver indo bem". O deputado Carlos Santana, líder do governo, ainda tentou encontrar uma fórmula intermediária, que permitisse um entendimento entre o que pensa o Planalto e o PMDB. Mas um levantamento feito pelo deputado Luis Henrique, líder do PMDB, permitiu constatar, numa consulta realizada estado por estado, que a maioria esmagadora das bancadas estaduais estava solidária com a posição de Ulysses: a favor da manutenção do artigo do regimento interno que o Planalto tanto teme.

O confronto entre o PMDB e o Planalto vinha se tornando inevitável. Líderes do partido admitem que com o agravamento da crise econômica a solução política para o impasse político em que o país poderá mergulhar talvez seja a convocação imediata de eleições diretas ainda este ano. A Constituição em preparo seria promulgada em 7 de setembro, realizando-se eleições presidenciais em novembro deste ano. Os mais prudentes no PMDB falam em eleições presidenciais no próximo ano.

Até o momento em que escrevemos esta coluna, a liderança do governo, representada pelo deputado Carlos Santana, esforçava-se para obter um adiamento da votação prevista para ontem à noite. De outra parte, o deputado Ulysses Guimarães empenhava-se com todo o vigor em sentido contrário. Mas Santana, no desempenho de sua missão, encontrava dificuldades quase insuperáveis. A bancada federal do PMDB da Bahia, ontem reunida, respaldou a posição de Ulysses por 15 votos contra dois. Os dois votos contrários foram do próprio Santana e do deputado Prisco Viana, este último amigo pessoal do presidente Sarney. Ao término da reunião, o deputado Jutai Júnior aproximou-se de Santana e lhe perguntou por que ele não ficava com a maioria de sua bancada. Respondeu que não tinha condições morais como líder de ficar contra o governo que representa.

Se alguns governadores eleitos, como Orestes Quêrcia e Newton Cardoso, estavam procurando influir junto à bancadas de São Paulo e Minas para que acompanhassem a orientação estabelecida pelo Planalto, outros, como o governador eleito do Paraná, Álvaro Dias, se solidarizaram com sua bancada, a qual, por unanimidade, ficou com a atitude defendida por Ulysses.

O que vai acontecer daqui para a frente irá depender substancialmente do desfecho dos acontecimentos na sessão realizada, ontem à noite pela Constituinte. Mas algumas conclusões preliminares já podem ser tiradas. A mais importante delas é a de que se rompeu em definitivo o último vínculo que ainda sustentava a Aliança Democrática, com a retirada ontem de plenário da bancada da Frente Liberal, em protesto contra a atitude adotada pelo deputado Ulysses Guimarães, com respaldo do PMDB, ao negar questão de ordem levantada pelo PTB.

Sangue e vítimas

Do deputado pernambucano Egydio Ferreira Lima, do PMDB, a propósito das divergências entre o PMDB e a Frente Liberal sobre o regimento interno da Constituinte:

— As vítimas nós contamos depois.

Ao que o deputado Pimenta da Veiga acrescentou:

— Não é preciso haver derramamento de sangue.

Carteirinha de oposição

Numa conversa ontem com o deputado mineiro José Geraldo, do PMDB, o deputado Delfim Netto do PDS, a certa altura advertiu:

— Combinei outro dia com o Lula, do PT, que para entrar agora na oposição é preciso ter carteirinha. Não podemos abrir a porta.

O Outro lado

O presidente Sarney recebeu anteontem no Planalto o governador eleito de Minas, Newton Cardoso. O senador Itamar Franco, que perdeu as eleições para governador de Minas por pequena margem de cotas, comentava ontem numa roda:

— Depois de ter recebido uma das facções de Minas Gerais, o presidente Sarney precisa ouvir o outro lado.

Itamar se referia obviamente às forças da oposição em Minas.